

## UM ESTUDO DE PAINEL SOBRE A PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/: O PAPEL DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

### A PANEL STUDY ON THE PALATALIZATION OF /t/ AND /d/: THE ROLE OF THE LINGUISTIC VARIABLES

André Wesley Dantas de Amorim<sup>1</sup>  
Ingrid Cruz do Nascimento<sup>2</sup>  
Pedro Felipe de Lima Henrique<sup>3</sup>  
Dermeval da Hora<sup>4</sup>

#### RESUMO

A palatalização das oclusivas dentais/alveolares no Português Brasileiro (doravante PB) é bastante recorrente, mas não em todas as regiões do país. A forma africada, uma tendência natural das línguas, nem sempre é a forma mais utilizada, convivendo com exemplos do tipo "[t]ia" vs. "[tʃ]ia" e "[d]ia" vs. "[dʒ]ia". O objetivo desse artigo é discutir, a partir de um estudo em painel nos moldes labovianos, resultados que foram obtidos na comunidade de fala de João Pessoa, revisitando quatro informantes que fizeram parte do *corpus* original do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). A fala desses participantes foi comparada a partir de gravações feitas pelo VALPB em 1993 e 2015. Foram consideradas as seguintes variáveis linguísticas: vozeamento da oclusiva, contexto fonológico precedente, tonicidade e categoria gramatical. Os resultados mostram que, na amostra de 2015, as seguintes variantes induziram de maneira significativa a palatalização: "[ʃ]", na variável contexto precedente, "desvozeado", na variável vozeamento, e "postônica", na variável tonicidade. A variável categoria gramatical, por outro lado, não foi estatisticamente significativa para a indução da palatalização na amostra de 2015.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palatalização das oclusivas dentais/alveolares. Variáveis Linguísticas. Sociolinguística Variacionista. Estudo de painel.

#### ABSTRACT

The palatalization of alveolar/dental plosives in Brazilian Portuguese (BP) is quite frequent, but not in all regions of Brazil. The affricate, a natural tendency of languages, is not always the most used form, dealing with instances as "[t]ia" vs. "[tʃ]ia" and "[d]ia" vs. "[dʒ]ia". The objective of this study is to discuss, from a panel study within the Labovian framework, the results that were obtained from the speech community of João Pessoa, in the state of Paraíba, Brazil, revisiting four speakers that participated in the original corpus of the *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba* (VALPB). The speech of these participants was compared using recordings made by VALPB in

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Freie Universität Berlin, com bolsa da *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Graduado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, pela mesma instituição. E-mail: amorim\_awd@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Graduada em Letras (Português) pela mesma instituição. Professora de língua e literatura brasileira do Estado do Ceará. E-mail: ingridcruznascimento@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN – Campus Santa Cruz. E-mail: pedrofelipelh@hotmail.com.

<sup>4</sup> Pesquisador do CNPq. Presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina até 2024. Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [dermeval.dahora@gmail.com](mailto:dermeval.dahora@gmail.com).

1993 and 2015. The following linguistic variables were considered: voicing of the stop, preceding phonological context, tonicity and grammatical category. The results show that in the sample of 2015 the following variants significantly induced the palatalization: "[j]" for preceding context, "voiceless" for voicing, and "post-tonic" for tonicity. The grammatical category, on the other hand, was not statistically significant for the palatalization in the sample of 2015.

**KEYWORDS:** Palatalization of alveolar/dental plosives. Linguistic Variables. Variationist Sociolinguistics. Panel study.

## INTRODUÇÃO

Os estudos brasileiros dentro da Sociolinguística Variacionista têm contribuído bastante para a documentação e análise de diversos processos linguísticos, do nível fonético-fonológico ao pragmático. Uma das tarefas principais dessas pesquisas é a de investigar os fatores sociais e estruturais que influenciam os processos linguísticos, pois podem dar pistas sobre o desenvolvimento da mudança linguística.

Entre os fenômenos no nível fonético-fonológico que são objetos de observação nesses estudos, encontra-se, no Português Brasileiro (doravante PB), a realização variável das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes da vogal alta [i], como em "[t]ia" vs. "[tʃ]ia" e "[d]ia" vs. "[dʒ]ia". Ela foi estudada em diversas comunidades de fala do Brasil, seguindo a proposta laboviana.

Em João Pessoa, a palatalização das oclusivas dentais em contexto de assimilação regressiva (antes de [i]) tem sido investigada na perspectiva laboviana principalmente por meio das entrevistas do Projeto Variação Linguística na Paraíba (VALPB) (HORA, 1993). Por exemplo, Hora (1997) e Hora e Henrique (2012) investigaram o referido processo por meio de um estudo em tempo aparente (LABOV, 1994) a partir do *corpus* do VALPB coletado em 1993. Essas pesquisas levaram em consideração variáveis linguísticas e sociais, como escolaridade, sexo e idade, essa última permitindo verificar se havia indicativo de mudança em progresso ou de variação estável. Em 2015, uma nova coleta foi realizada na comunidade mediante o recontato com os mesmos participantes que contribuíram para a composição do *corpus* de 1993, com o intuito de serem realizadas análises em tempo real, no modelo de estudo de painel (LABOV, 1994). Alguns deles foram localizados, o que possibilitou a realização de estudos de painel a partir desses participantes. O estudo de Amorim et al. (2019b), conduzido com esses dados, mostrou que após 22 anos houve um minúsculo aumento em relação ao uso da palatalização das oclusivas dentais por esses participantes. Entretanto uma análise mais detalhada sobre quais variáveis linguísticas favoreceram a variante africada não foi realizada até então.

Dentro desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar o papel de variáveis estruturais no uso da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ em contexto de assimilação regressiva, a partir de um *corpus* de recontato composto por entrevistas de quatro falantes pessoenses, gravados em 1993 e 2015. Assim, essa pesquisa pretende investigar o papel de variáveis estruturais em relação ao uso da palatalização, comparando os dados de ambos os *corpora*. As variáveis estruturais consideradas foram: vozeamento da oclusiva, contexto fonológico precedente, tonicidade e categoria gramatical. Para tal, os dados foram transcritos de maneira impressionista no ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2019), tabulados em uma planilha ".csv" e analisados estatisticamente usando a linguagem R (R CORE TEAM, 2019), por meio do RStudio (RSTUDIO TEAM, 2018). A partir de análise de gráficos e testes de qui-quadrado, a análise estatística buscou investigar associações entre a variável de resposta (ocorrência da palatalização) e as variáveis explicativas (neste estudo, as variáveis linguísticas). Os resultados estatísticos auxiliaram na análise linguística, conduzida com base na literatura da Sociolinguística Variacionista.

Com o intuito cumprir o objetivo proposto e apresentar os resultados de maneira clara, o artigo está dividido em 5 seções, afora esta introdução: a segunda seção apresenta resultados, uma

revisão dos trabalhos sobre a palatalização das oclusivas dentais, focando-se nos resultados envolvendo favorecimento de variáveis linguísticas nesse processo em cada comunidade; a terceira apresenta a metodologia utilizada para este estudo; a quarta traz os resultados obtidos e a discussão acerca dos questionamentos levantados; a quinta e última refere-se às considerações finais, que apontam as limitações da pesquisa e as possíveis contribuições que ele pode oferecer para análise do processo de palatalização no PB.

### **1 A palatalização das oclusivas dentais e suas restrições: o que as descrições de dialetos do PB têm apontado**

O processo de palatalização foi um dos mais frequentes objetos de estudo de pesquisas de base variacionista<sup>5</sup> desenvolvidas no Brasil. Considerando que “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2012 [1968], p. 126), vários estudos buscaram identificar e mensurar o efeito de determinadas variáveis na aplicação da palatalização em diferentes comunidades de fala do Brasil. Dentre eles, estão os de Lopez (1979), que analisou o dialeto carioca, e o de Bisol (1991), que utilizou dados de fala coletados em comunidades gaúchas. Também no Rio Grande do Sul, outros trabalhos foram desenvolvidos mais recentemente, tais como: Almeida (2000), Kamianecy (2002), Pires (2003), Matté (2009), Dutra (2007), Battisti & Rosa (2012) e Battisti & Filho (2015). Há, ainda, o estudo de Hora (1990), que analisou o fenômeno na comunidade de Alagoinhas (BA); Santos (1996), que investigou a comunidade de Maceió (AL); Pagotto (2001), que pesquisou a comunidade de Florianópolis (SC); e Silva Filho (2018), que estudou o dialeto de Recife (PE), entre outros. Todos esses trabalhos citados são de cunho variacionista, seguindo a perspectiva laboviana.

Apesar de haver uma tendência geral em relação a esse fenômeno no PB, sua taxa de uso difere bastante entre as diferentes comunidades de fala brasileiras. Quanto às variáveis estruturais a maioria dos estudos acima indicou que estas são as que mais condicionam a palatalização: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, tonicidade, vozeamento da oclusiva, tipo de vogal alta. Quanto à restrição contexto fonológico precedente, em uma das comunidades estudadas por Bisol (1991), vogal média-baixa e vogal posterior foram as que mais influenciaram a palatalização. Em outras (BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000; KAMIANECY, 2002), a variante vibrante foi a que mais induziu seu comportamento. O contexto fonológico seguinte serviu como gatilho para a palatalização das oclusivas dentais em várias comunidades (BISOL, 1991, apud DUTRA, 2007; PIRES, 2003; ALMEIDA, 2000, apud DUTRA, 2007; KAMIANECY, 2002). Em todos esses estudos, a influência da variante lateral foi a mais significativa.

A respeito de tonicidade, sua influência no emprego da palatalização das oclusivas dentais depende bastante da comunidade de fala. De acordo com Dutra (2007), para alguns trabalhos, as variantes que mais motivam a palatalização são as pretônicas e tônicas (BISOL, 1991; KAMIANECY, 2001; MATTÉ, 2009); em outras comunidades são as postônicas (BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000). A influência do vozeamento da oclusiva foi significativa em diversos estudos. Em todos eles, o segmento desvozeado foi o mais influente no processo da palatalização das oclusivas dentais (PIRES, 2003; CARVALHO, 2000; MATTÉ, 2009). Nos estudos em que as rodadas estatísticas consideraram a restrição "Tipo de Vogal Alta" significativa, a variante vogal não-derivada foi a que mais motivou a aplicação da regra da palatalização das oclusivas dentais (BISOL, 1991; PIRES, 2003; KAMIANECY, 2002; CARVALHO, 2002; BATTISTI et al, 2007; MATTÉ, 2009).

---

<sup>5</sup> A agenda da sociolinguística laboviana encontrou vasto e profícuo território dentro dos grupos de estudo em linguística brasileiros, solidificando-se a partir da criação de projetos responsáveis por construir *corpora* estratificados nos moldes do modelo proposto por Labov (1972).

Dentro dessa gama de trabalhos, pelo menos dois propuseram-se a verificar a mudança no padrão de palatalização das oclusivas dentais a partir de um estudo em tempo real do tipo tendência, um na comunidade de Flores da Cunha - RS (BATTISTI & ROSA, 2012), e outro na comunidade de Porto Alegre - RS (BATTISTI & FILHO, 2015). Battisti & Rosa (2012) compararam as taxas de aplicação da regra em 12 entrevistas do banco de dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), gravadas no início dos anos 90, com as observadas em 12 entrevistas do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha), gravadas entre 2008 e 2009. Os autores constataram que houve um aumento na taxa de aplicação, que foi de 25% para 32%. As variantes linguísticas indicadas como mais favorecedoras para o processo em ambos os bancos foram a vogal alta fonológica /i/ (como em “antigo”) e a consoante-alvo desvozeada /t/ (como em “time”).

Battisti & Filho (2015) investigaram as mudanças no padrão de palatalização das oclusivas apenas antes de /i/ fonológico (não derivado) na cidade de Porto Alegre a partir da análise de 12 entrevistas do VARSUL, feitas no início dos anos 1990, e de 12 do LínguaPOA (UFRGS), feitas em 2016. Foi observado pelos autores um aumento de 96% para 99% na taxa de aplicação, comparando ambas as amostras. Nos dados do VARSUL, a restrição estrutural apontada como mais relevante foi o contexto fonológico precedente, e a variante que apresentou 100% de aplicação foi consoante sibilante (ma[s]tigar). Nos dados de 2016, a aplicação praticamente categórica da palatalização dificultou o entendimento do efeito das variáveis na palatalização.

Considerando a comunidade de fala de João Pessoa, lugar em que se situa a pesquisa aqui desenvolvida, alguns estudos sobre a palatalização na perspectiva tradicional laboviana já foram realizados nessa comunidade. Esses estudos foram conduzidos a partir dos *corpora*<sup>6</sup> coletados pelo Projeto Variação Linguística no estado da Paraíba - VALPB (HORA, 1993). Dois se referem a um estudo de tempo aparente, usando o *corpus* coletado em 1993 (HORA, 1997; HENRIQUE & HORA, 2012), enquanto um analisou a palatalização por meio de um estudo em tempo real (AMORIM et al., 2019b) e outro por meio de estilo, usando dados coletados por diferentes instrumentos de coleta (AMORIM et al., 2019a). No que se refere a taxa geral de aplicação da regra, a proporção parece ser baixa nessa comunidade, sendo de 7,4%, segundo Hora (1997) e de 10,48%, segundo Henrique e Hora (2012).

Sobre as variáveis estruturais, o estudo de Hora e Henrique (2012) observou que o contexto fonológico seguinte, a tonicidade e o vozeamento da consoante são as que mais motivam a palatalização em seus dados. A consoante coronal palatal foi a que mais favoreceu a aplicação da regra<sup>7</sup>. Com relação à tonicidade, esse fenômeno foi mais recorrente no contexto postônico, e a consoante desvozeada foi a mais suscetível a ser palatalizada. Para Dutra (2007), independentemente do dialeto, essa variante parece ser a que mais motiva o uso da palatalização das oclusivas dentais.

Um outro trabalho é o desenvolvido por Hora, Henrique e Amorim (2018), comparando resultados de dois testes de percepção: um envolvendo a palatalização de /S/ antes de /t/ e /d/ e o outro considerando a palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/. Ao comparar esses resultados com os estudos de Hora (1997) e Hora e Henrique (2012), os autores afirmam que se, em termos de produção, os dados mostram que a fricativa coronal como contexto precedente condiciona significativamente a produção da palatalização das oclusivas dentais. Em termos de percepção, ela reduz o contraste entre as oclusivas dentais e africadas. Como conclusão, Hora, Henrique e Amorim (2018) acreditam haver uma associação entre os processos de palatalização das fricativas e das oclusivas dentais no dialeto pessoense, explicados através de uma regra fonológica que

<sup>6</sup> Os *corpora* do VALPB podem ser baixados por meio do site do projeto: [www.projetovalpb.com.br](http://www.projetovalpb.com.br).

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que, no Português Brasileiro, em posição de coda, /S/ pode ser produzida como [s], [z], [ʃ], [ʒ], [h], [ɦ] ou [ø], com vozeamento a depender da natureza do segmento seguinte. Em João Pessoa, /S/ é palatalizada quase categoricamente antes das oclusivas /t/ e /d/, o que resulta na presença de [ʃ] antes de /t/ e [ʒ] antes de /d/, (HORA, 2003).

motivaria a ocorrência de palatalização da fricativa coronal antes de /t, d/, e essa fricativa palatalizada influenciaria de maneira a produção e a percepção da fala diante desse contexto. Em termos de produção, essa palatalização desencadearia a palatalização das oclusivas dentais e, em termos de percepção, ela reduziria o contraste entre oclusivas dentais e africadas (HORA, HENRIQUE & AMORIM, 2018).

Em linhas gerais, a discussão realizada nesta seção buscou oferecer um panorama acerca dos fatores sociais e linguísticos que podem influenciar a palatalização das oclusivas dentais nas diversas comunidades de fala brasileira. No estudo em tempo real aqui proposto, ao se comparar os dados das novas coletas com os dados dos estudos de Hora (1995) e Henrique & Hora (2012), será possível traçar um panorama mais específico sobre possíveis mudanças em relação ao uso da palatalização de indivíduo para indivíduo e dentro de seu próprio uso no decorrer de um intervalo de mais de 20 anos, o que pode oferecer pistas sobre o caminho que segue o processo de palatalização em João Pessoa.

## 2 Métodos

Segundo Labov (1994), há basicamente duas maneiras de se investigar o processo de mudança linguística: em tempo aparente ou em tempo real. Para o autor, no tipo de estudo em tempo aparente, a variável linguística é distribuída a partir de uma gradação etária. Quanto a esse tipo de estudo, Martelotta (2011, p. 49) acrescenta que “sabendo que a fala do idoso reflete usos linguísticos mais antigos e que os jovens costumam utilizar inovações linguísticas, é possível analisar a implementação de uma mudança”. As pesquisas em tempo real, por outro lado, podem ser realizadas de duas maneiras: estudo de tendência, com “coleta e análise de dados da gravação de pessoas da comunidade em momentos distintos”, e estudo de painel, com “coleta e análise de dados da gravação dos mesmos indivíduos em diferentes momentos de suas vidas” (LABOV, 1994, p. 49-50). Essas duas formas de estudo, complementando-se, fornecem evidências mais seguras acerca do estatuto dos padrões de variação em um dado recorte sincrônico. Portanto, o estudo em tempo real tende a preencher as lacunas deixadas pelo estudo em tempo aparente, possibilitando uma análise mais completa sobre o processo em questão.

O presente estudo constitui-se como uma análise em tempo real do tipo painel, comparando a fala dos mesmos indivíduos em um recorte longitudinal. Para realizá-lo, quatro informantes do *corpus* do VALPB de 1993 foram recontactados em 2015. Assim, após 22 anos, eles tiveram sua fala novamente gravada em uma entrevista sociolinguística, seguindo a mesma metodologia adotada em 1993. O Quadro 1 apresenta a estratificação dos participantes:

Quadro 1<sup>8</sup> - Estratificação dos informantes deste estudo

<i>Sexo</i>	Masculino		Feminino	
<i>Escolaridade</i>	Superior		Fundamental Incompleto	
<i>Faixa Etária</i>	26 - 49			Acima de 49
<i>Informante</i>	HBS	VLF	MLTS	MJCO

Fonte: Adaptado de Amorim et al. (2019a, p. 165).

Conforme o Quadro 1, foram recontactados dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, dentre os quais três têm faixa etária de 26-49 e um acima de 49. Como o recontacto ocorreu após 22 anos da primeira amostra do VALPB, não há informantes com a faixa

<sup>8</sup> A metodologia da coleta desses dados foi apresentada em Amorim et al. (2019a, 2019b).

etária abaixo de 26 anos. No presente estudo, dois informantes têm nível de escolaridade superior e dois apenas o ensino fundamental incompleto.<sup>9</sup>

A respeito do instrumento de coleta de dados, foi utilizada uma entrevista sociolinguística semi-estruturada, organizada com base na utilizada em 1993. As gravações foram feitas em um único encontro com cada informante, havendo um breve intervalo entre cada uma delas, sendo todas realizadas usando o gravador Tascam DR-2d. Todas as gravações foram conduzidas em João Pessoa, na casa dos informantes.

O Quadro 2 apresenta as variáveis consideradas no presente estudo (a variável dependente e as variáveis independentes) e seus níveis. A variável dependente é a ocorrência (oclusiva dental ou africada), e as variáveis independentes são época da coleta, contexto fonológico precedente, vozeamento, tonicidade e categoria gramatical. Elas foram elencadas a partir dos estudos supracitados, que indicaram haver diferenças na realização da palatalização a depender de tais variáveis.

Os dados foram analisados e transcritos de maneira impressionista no ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2019), e exportados para uma planilha. Em seguida, o tratamento dos dados, as análises descritiva e inferencial e a elaboração dos gráficos foram feitos utilizando a linguagem R (R CORE TEAM, 2019), por meio do ambiente RStudio (RSTUDIO TEAM, 2018), para então os achados serem discutidos com base na literatura da Sociolinguística Variacionista.

**Quadro 2 - Variáveis utilizadas por este estudo**

	Variável	Variantes
<b>Variável dependente</b>	Ocorrência	Oclusiva dental; Africada
<b>Variáveis independentes</b>	Época da coleta	<i>Corpus</i> 1993; <i>Corpus</i> 2015
	Contexto fonológico precedente	[a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ], [u], [r], [n]*, [ʃ], [ʒ], [∅]
	Vozeamento	Vozeada; Desvozeada
	Tonicidade	Pretônica; Tônica; Postônica
	Categoria gramatical	Adjetivo; Substantivo; Verbo

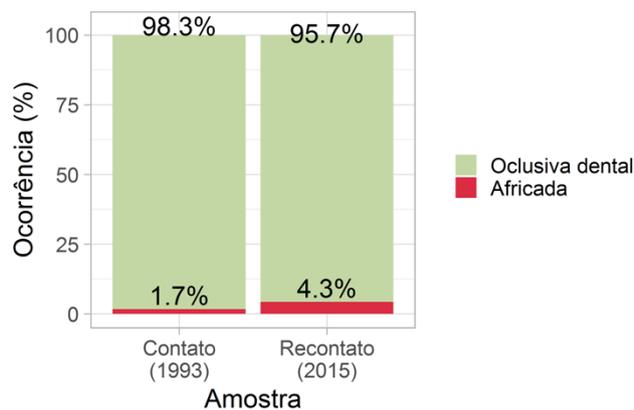
Nota: \* [n] aqui se refere às vogais nasalizadas.

### 3 Resultados e Discussão

No presente estudo, foram coletadas 2612 observações, sendo 1609 referentes aos dados do contato e 1003 do recontato. Em todos os gráficos do presente trabalho, no eixo y se encontra a proporção relativa ao uso da palatalização, enquanto no eixo x se encontram os níveis de cada variável. A barra verde se refere ao uso da oclusiva dental, enquanto a barra vermelha se refere ao uso da africada.

<sup>9</sup> Para mais detalhes acerca dos participantes, confira Amorim et al. (2019a).

**Gráfico 1 – Proporção do uso da forma africada durante entrevista sociolinguística de quatro participantes de João Pessoa, de acordo com Amostra**



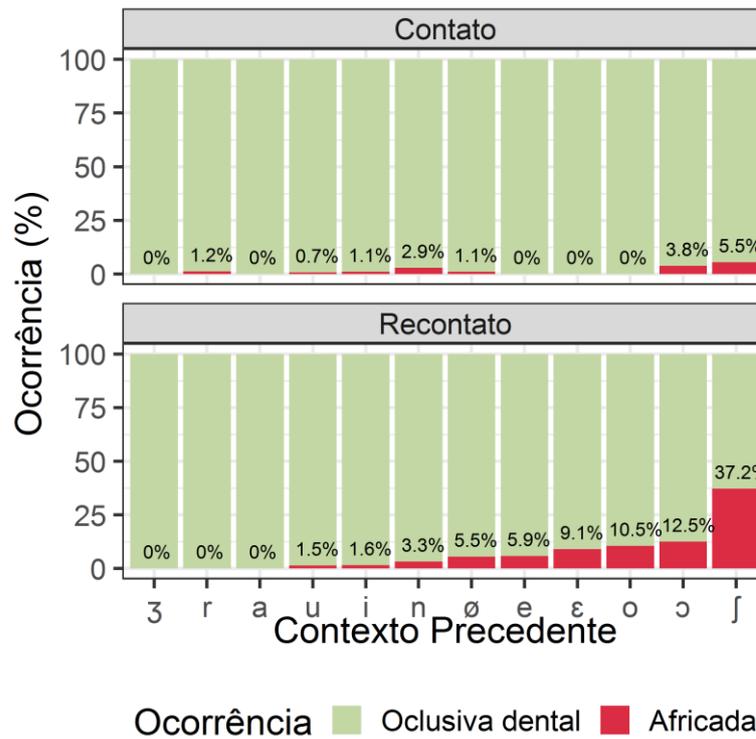
Fonte: elaborado pelos autores.

O Gráfico 1 apresenta a taxa de uso geral em ambos os corpora: contato (1993) e recontato (2015). Segundo o gráfico, de maneira geral, o uso da forma africada pelos participantes deste estudo aumentou em 2,6%, passando de 1,7% para 4,3%. Segundo o teste de qui-quadrado, esse aumento, apesar de leve, foi estatisticamente significativo ( $\chi^2 (1) = 14,209$ ,  $n = 2612$ ,  $p < 0,001$ ). Comparando esses resultados com os estudos anteriores conduzidos em João Pessoa, que usaram o *corpus* de 1993 do VALPB, nota-se que a taxa de uso da africada pelos falantes do presente estudo em ambas as amostras foi bem abaixo da taxa geral de uso, que foi de aproximadamente 7% em Hora (1997) e 10% em Henrique & Hora (2012). Apesar disso, houve uma progressão no uso por parte desses participantes.

Entre as variáveis que condicionam a palatalização das oclusivas dentais no Português Brasileiro está o contexto fonológico precedente. Essa restrição apresenta grande variabilidade entre os dialetos. Por exemplo, em uma das comunidades estudadas por Bisol (1991, apud DUTRA, 2007), vogal média-baixa e posterior foram indicadas como as que mais condicionam a palatalização. Em outras (BISOL, 1991, apud DUTRA, 2007; ALMEIDA, 2000, apud DUTRA, 2007; KAMIANECY, 2002), a variante vibrante foi indicada como a que influencia a palatalização de maneira mais significativa. Diferentemente, em João Pessoa, a consoante coronal palatal foi a que mais condicionou o fenômeno, de acordo com o estudo de Henrique & Hora (2012).

Na presente pesquisa, em ambos os recortes, a fricativa palatalizada desvozeada foi o contexto que mais condicionou a palatalização. Em 1993, a palatalização ocorreu na proporção de 5,5% quando [ʃ] precedia /t/, por exemplo, na palavra “estive”. Em 2015, a ocorrência nesse contexto foi de 37,2%. No Gráfico 2, é possível observar que, no contato, houve uma leve diferença entre os níveis, ou seja, aparentemente o contexto precedente não influenciou o comportamento de /t/ e /d/ antes de [i]. Diferentemente, no recontato, há uma associação entre essa variável e a palatalização. Dado o nível de significância adotado pela presente pesquisa, de 5%, os testes de qui-quadrado indicam que a diferença entre os valores foi significativa tanto no contato ( $\chi^2 (11) = 20,17$ ,  $n = 1609$ ,  $p < 0,05$ ), como no recontato ( $\chi^2 (11) = 132,8$ ,  $n = 1003$ ,  $p < 0,001$ ).

**Gráfico 2. Proporção do uso da forma africada durante entrevista sociolinguística de quatro participantes de João Pessoa, de acordo com Amostra e Contexto Fonológico Precedente**



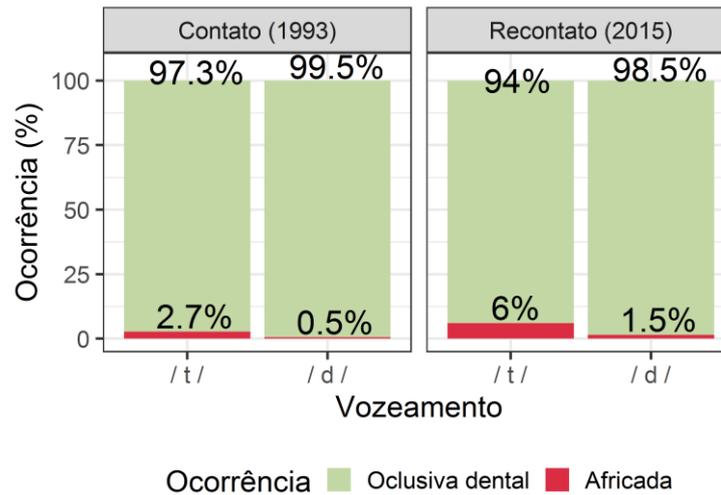
Fonte: Elaborado pelos autores.

No recontato, palatalização das oclusivas dentais na fala dos participantes pessoenses parece estar sendo implementada principalmente por [ç] e [ʝ]. Lembre-se que, nesse recorte, caso o contexto precedente não influenciasse a palatalização, seria esperado que os participantes palatalizassem apenas 4,3% em todos os contextos. Nesse sentido, a proporção para esse contexto está bastante diferente do que seria esperado. Portanto, quanto ao uso da palatalização pelos quatro participantes, os achados desta pesquisa mostram que há uma associação entre o contexto precedente e a palatalização das oclusivas dentais.

Esses dados sugerem que, provavelmente, a palatalização está sendo implementada na fala desses pessoenses principalmente por conta da fricativa palatalizada em coda como contexto fonológico precedente. Esse achado contribui com a tese de Hora, Henrique e Amorim (2018) de que parece haver uma associação entre os processos de palatalização das fricativas e das oclusivas dentais no dialeto pessoense. Pelo menos no contexto da presente pesquisa, há evidências de que, em 22 anos, a ocorrência da africada na fala dos quatro participantes aumentou de maneira expressiva e estatisticamente significativa quando [ʝ] precede /t/.

Em relação ao vozeamento, a forma desvozeada /t/ tendeu a motivar de maneira mais expressiva a realização da forma africada, em ambas as amostras do presente estudo. Essa associação entre vozeamento e ocorrência de palatalização das oclusivas dentais é consistente com o que vem sendo documentado pela literatura de base sociolinguística produzida sobre o PB. Os achados mostram que, em dialetos de diferentes regiões do Brasil, o segmento desvozeado foi o que mais condicionou essa palatalização, a exemplo de Alagoinhas - BA (HORA, 1990), Maceió - AL (SANTOS, 1996), Florianópolis - SC (PAGOTTO, 2001), São Borja - RS (PIRES, 2003) e Flores da Cunha (BATTISTI & ROSA, 2012). Em João Pessoa, Henrique & Hora (2012) revelam a mesma tendência observada em outros dialetos, ratificada pelos resultados do Gráfico 3.

**Gráfico 3. Proporção do uso da forma africada durante entrevista sociolinguística de quatro participantes de João Pessoa, de acordo com Amostra e Vozeamento.**



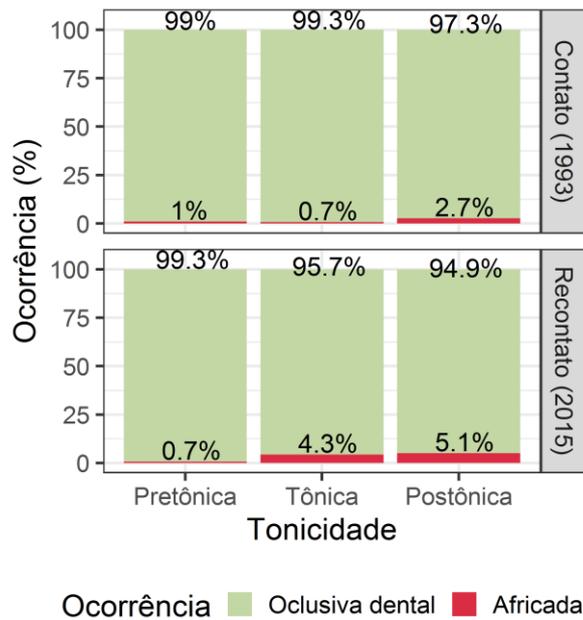
Fonte: elaborado pelos autores.

Segundo o painel do lado esquerdo do Gráfico 3, no contato, os participantes palatalizaram em 2,7% quando a consoante era uma desvozeada, como na palavra "tia", e em 0,5% quando a consoante era uma vozeada, como na palavra "dia". No recontato, como mostra o painel do lado direito do gráfico, os participantes tenderam a palatalizar em 6% na consoante desvozeada /t/, enquanto apenas 1,5% na vozeada /d/. Os testes de qui-quadrado evidenciam que essa associação, entre o vozeamento e a ocorrência de palatalização, é estatisticamente significativa, tanto no contato ( $\chi^2(1) = 10,02$ ,  $n = 1609$ ,  $p < 0,01$ ), quanto no recontato ( $\chi^2(1) = 10,59$ ,  $n = 1003$ ,  $p < 0,01$ ). Nesse sentido, mesmo após pouco mais de 20 anos, os dados indicam que /t/ continuou induzindo em maior proporção a palatalização na fala dos participantes. Assim como em outras comunidades de fala do PB, os dados da presente pesquisa fornecem mais evidências de que a palatalização é dependente do vozeamento. Mesmo diante de uma amostra com quatro participantes, a realização da forma africada seguiu a tendência observada em outros estudos.

Um outro fator que parece ter efeito no comportamento da palatalização das oclusivas dentais no Português Brasileiro é a tonicidade da palavra. A hipótese levantada pela literatura é a de que a proporção do uso da palatalização depende da tonicidade. De acordo com Dutra (2007), em algumas comunidades de fala, as variantes que mais condicionam o processo são as pretônicas e tônicas (BISOL, 1991, apud DUTRA, 2007; KAMIANECY, 2001; MATTE, 2009); em outras comunidades, postônicas (BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000, apud DUTRA, 2007; SOUZA, 2016). Em João Pessoa, as postônicas condicionaram em maior proporção o processo no estudo de Henrique & Hora (2012).

Em relação aos dados dos quatro participantes desta pesquisa, a associação entre a palatalização e a tonicidade é significativa no contato ( $\chi^2(2) = 8,07$ ,  $n = 1609$ ,  $p < 0,05$ ), mas não no recontato ( $\chi^2(2) = 5,45$ ,  $n = 1003$ ,  $p > 0,05$ ). Conforme o Gráfico 4, em 1993, no geral, a forma africada ocorreu em 1% para as pretônicas, 0,7% para as tônicas, e 2,7% das postônicas. Em 2015, a porcentagem foi de, respectivamente, 0,7%, 4,3%, e 5,1%. Note que, tanto no contato quanto no recontato, a palatalização foi mais recorrente no contexto da postônica, o que está de acordo com a pesquisa de Henrique & Hora (2012). Portanto, mesmo pouco expressiva, houve uma associação entre tonicidade e ocorrência da palatalização na fala dos quatro participantes da pesquisa. Estatisticamente, essa associação foi significativa no contato, mas não significativa no recontato.

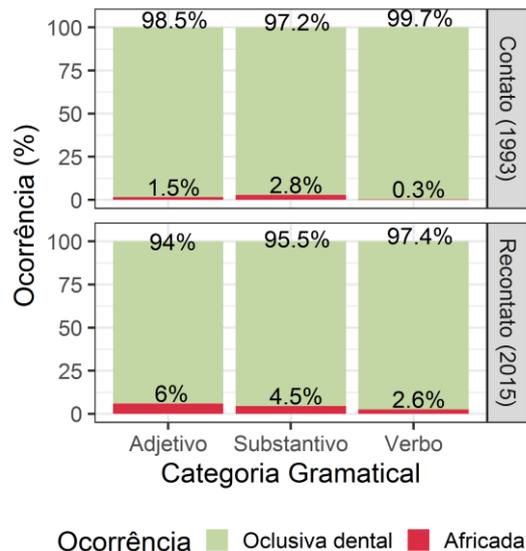
**Gráfico 4. Proporção do uso da forma africada durante entrevista sociolinguística de quatro participantes de João Pessoa, de acordo com Amostra e Tonicidade.**



Fonte: elaborado pelos autores.

Uma variável pouco considerada nos estudos sobre a palatalização é a categoria gramatical. Em João Pessoa, Henrique & Hora (2012) mostraram que os adjetivos foram os que influenciaram mais a palatalização. Na presente pesquisa, o Gráfico 5 mostra que, em 1993, os participantes palatalizaram em 1,5% nos adjetivos, 2,8% nos substantivos, e 0,3% nos verbos, ao passo que em 2015 palatalizaram em 6%, 4,5% e 2,6%, para as mesmas categorias, respectivamente.

**Gráfico 5. Proporção do uso da forma africada durante entrevista sociolinguística de quatro participantes de João Pessoa, de acordo com Amostra e Categoria Gramatical**



Fonte: elaborado pelos autores.

Para os testes de qui-quadrado, há evidências estatísticas de que categoria gramatical induz o processo de palatalização no contato ( $\chi^2 (2) = 12,14, n = 1609, p < 0,01$ ), ao contrário de no

recontato ( $\chi^2 (2) = 3,35, n = 1003, p > 0,05$ ). Os achados dessa pesquisa mostram que, para os quatro falantes do *corpus* de 2015, o comportamento da palatalização em relação à categoria gramatical pareceu ser semelhante aos do estudo de Henrique & Hora (2012), no sentido de que o adjetivo foi a categoria que mais condicionou o uso da forma africada. No entanto, depois de um pouco mais de 20 anos da primeira coleta, a categoria gramatical parece ter deixado de exercer efeito sobre a palatalização na fala dos quatro participantes da presente pesquisa.

## CONCLUSÕES

Considerando o objetivo geral tido como norte para o desenvolvimento deste trabalho, foi discutido aqui o efeito das variáveis linguísticas no uso da palatalização por parte dos falantes deste estudo, tanto no *corpus* de 1993 como no de 2015. Apesar de a taxa de palatalização continuar leve, após mais de 20 anos, o processo sob estudo foi motivado por fatores estruturais na fala dos participantes desta pesquisa, seguindo algumas tendências observadas por outros estudos sobre tal processo. Na amostra de 2015, os níveis que mais motivaram a ocorrência da palatalização foram "[j]", na variável contexto precedente, "desvozeado", na variável vozeamento, e "postônica" e "tônica", na variável tonicidade. A variável categoria gramatical, por outro lado, não induziu de maneira significativa a palatalização na amostra de 2015, apesar de o nível "substantivo" ter sido o que mais favoreceu na amostra de 1993.

Em 1993, a forma africada ocorreu apenas em menos de 5,5% a depender das variáveis linguísticas aqui consideradas. Por outro lado, em 2015, a forma africada passou a ser utilizada com maior frequência quando se considera os níveis das variáveis. A depender do contexto precedente, por exemplo, no caso da fricativa palatalizada, a forma africada ocorreu em 37,2%. Mesmo com uma taxa de produção geral tão baixa (quando as variáveis linguísticas são isoladas, como no Gráfico 1), nesse contexto específico a palatalização ocorreu em uma proporção bastante elevada.

Concluindo, esta pesquisa colabora para a literatura da palatalização das oclusivas dentais quando investiga o papel das variáveis linguísticas na explicação desse processo. Como mostrado, mesmo com pouca ocorrência, o processo apresenta uma dependência das variáveis linguísticas, especialmente em relação ao contexto precedente. Além disso, apesar das limitações por conta do tamanho e representatividade da amostra, este estudo apresenta tendências seguidas por esse pequeno número de falantes da comunidade pessoense, que devem ser mais adequadamente investigadas por estudos futuros de tempo real na modalidade de tendência, *corpus* já coletado pelo projeto VALPB.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre, 2000.

AMORIM, A. W. D.; NASCIMENTO, I. C. ; HENRIQUE, P. F. L. ; HORA, D. O efeito do estilo na palatalização das oclusivas dentais. *Revista Prolíngua*, v. 14, n. 1, p. 159-172, 2019a.

\_\_\_\_\_; HORA, D.; NASCIMENTO, I. C.; HENRIQUE, P. F. de L. Variação e mudança linguística intrafalante: um estudo de painel sobre a palatalização das oclusivas dentais. *Revista Moara*. ISSN: 0104-0944, n. 54, p. 280-296, 2019b.

BATTISTI, E.; ROSA, R. S. *Variação e mudança linguística: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul*. Sociodialeto, Campo Grande, v. 2, n. 2, 2012.

\_\_\_\_\_ ; FILHO, A. A. D. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista Da Abralín*, v.14, n.1, 2015.

BISOL, L. *A palatalização e sua restrição variável*. Estudos Linguísticos, Salvador, n. 5, p. 163-177, 1985.

\_\_\_\_\_. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p.107-124, 1991.

CAMARA Jr., J. M. *História da linguística*. [Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo]. Petrópolis: Vozes, 1976.

DUTRA, E. de O. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí, Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. *ELAN – Linguistic Annotator*. Versão 4.4.0. Disponível em: <<http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>>. Acessado em: 05 outubro 2016.

HENRIQUE, P. F. de L.; HORA, D. *Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense*. In: Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE, 24, 2012, Natal, RN. Anais (on-line).

HORA, D. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. 292. f. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)*, 1993.

\_\_\_\_\_. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais*. *Garphos*, v. 2, n. 1, p. 116-125, 1997

\_\_\_\_\_. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba: Fase III*, 2013.

\_\_\_\_\_ ; HENRIQUE, P. F. L.; AMORIM, A. W. D. Produção e percepção: o processo de palatalização em jogo. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários* - v.20, n. 2 - Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2018.

KAMIANECKY, F. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LABOV, W. *Sociolinguistic pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*, Vol. 1. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPEZ, B. S. *The sound partner of brazilian portuguese (Cariocan dialet)*. Los Angeles: UCLA, 1979. Tese (Doutorado em Linguística), UCLA, 1979.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. Cortez Editora, 2011.

MATTÉ, G. D. *A palatalização variável de / t d / em Caxias do Sul (RS)*. Livro de Resumos / X XI Salão de Iniciação Científica, XVIII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, IV Salão UFRGS Jovem. CD ROM. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

PAGOTTO, E. G. *Varição é identidade*. 454. f. Tese (Doutorado em Letras- Lingüística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística: observações no tempo real*. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012.

PIRES, L. B. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ em São Borja, RS*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019.

RSTUDIO TEAM. *RStudio: Integrated Development Environment for R*. Boston, MA, 2018. URL: <<http://www.rstudio.com/>>.

SANTOS, L. de F. *Realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na fala de Maceió*. Alagoas: UFAL, 1996

SILVA FILHO, E. B. *Oclusivas alveolares e africadas alveopalatais no português de Recife*. 144 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.

Souza, G. G. A. *Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe*. 2016. 76 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1976].

Submetido em 13/01/2022

Aceito em 07/02/2022